

Na loja departamental La Samaritaine Paris, apenas falta um detalhe: os clientes

No topo do famoso armazém departamental La Samaritaine Paris, fileiras vazias de cadeiras de praia com a marca de champanhe estão dispostas uma praia artificial, diante de uma tela digital do sol se pondo sobre um mar reluzente. No andar inferior, no "bar de luz da beleza", máscaras faciais futuristas brilham com luz vermelha de LED, prometendo estimular a produção natural de colágeno e restaurar o brilho à pele flácida. Perto dali, uma experiência olímpica de varejo imersiva aguarda, promovendo peluches forma de bonés franceses revolucionários antropomórficos sorridentes.

A única coisa que falta neste templo do shopping moderno? Clientes.

A loja departamental La Samaritaine foi originalmente aberta 1870 como o lugar onde você poderia "encontrar tudo", desde lingerie até cortadores de relva. Em 2001, foi adquirida pelo conglomerado de luxo LVMH, que iniciou quatro anos depois uma renovação controversa de 16 anos e de €750m com os arquitetos japoneses vencedores do Prêmio Pritzker Sanaa. O armazém departamental agora também inclui um hotel cinco estrelas, onde os quartos começam cerca de €2.000 por noite.

Três anos após a reabertura, no entanto, parece estar lutando para atrair compradores.

Eventualmente, turistas entram para [apostas mundial 2024](#) grafar o famoso átrio art nouveau do edifício, mas poucos param para comprar algo. E não está sozinha: lojas departamentais todo o mundo estão enfrentando sempre menor afluência de pedestres, com muitas forçadas a fechar e se tornarem espaços de co-trabalho, bibliotecas, apartamentos e escritórios.

'A única coisa que falta neste templo do shopping moderno? Clientes' ... La Samaritaine, Paris.

[apostas mundial 2024](#) grafia: Jared Chulski

O cenário desolado do shopping de hoje está muito distante do vertiginoso auge dos grands magasins da capital francesa, cuja história glamourosa está agora exibição toda a sua opulência no Musée des Arts Décoratifs, ao lado das solitárias andares da Samaritaine. É um banquete melancólico de nostalgia da varejo, harmonizando com a atual onda de sentimentos da última vez que Paris sediou os Jogos Olímpicos, 1924, celebrando o nascimento de um tipo de edifício e fenômeno cultural que transformou a vida urbana como a conhecemos. Poderia também conter algumas respostas sobre como as lojas de hoje dia possam olhar para a sua história para encontrar um novo fôlego de vida?

Eles não tinham pôr-do-sol digitais ou praias falsas, mas as primeiras lojas departamentais do mundo eram espetáculos surpreendentes. Litografias ampliadas na exposição mostram os vastos interiores desses templos palacianos do consumo, que surgiram nos anos 1850, desencadeados pelo crescimento econômico do Segundo Império de Napoleão III. Suas abóbadas de teto de vidro carregam lustres dourados, acima de escadarias processionais zigue-zague entre cascatas de varandas, sustentadas por putti robustos e caryatides voluptuosas.

Um pôster anunciando o lançamento de uma nova coleção no armazém departamental À la Place de Clichy.

[apostas mundial 2024](#) grafia: Les Arts Décoratifs/Christophe Dellière

Situadas pontos-chave ao longo das amplas avenidas traçadas pelo barão Haussmann na reconstrução de Paris, essas catedrais do comércio foram construídas escala faraônica. A loja Crespin-Dufayel, por exemplo, ocupava mais de dois e meio acres e empregava 15.000 pessoas. Inspiradas casas de ópera, seus interiores foram concebidos como cenários teatrais para a nova

burguesia para ver e ser vistos, onde a elite social ascendente de industriais, banqueiros e comerciantes se reuniam para se exibir.

Crucial para o seu sucesso, essa nova espécie de loja foi projetada como um lugar para ficar, fornecendo um cenário regal para as novas classes ociosas desfrutarem de um dia fora. Elas eram refúgios de liberdade e prazer, onde as mulheres podiam se relacionar e se socializar longe de seus maridos – um mundo de independência trazido à vida no romance de Émile Zola de 1883, *As Senhoras do Paraíso*. As pessoas eram convidadas como hóspedes, vez de clientes, sem obrigação de compra – uma inovação radical na época. Contra esses cenários luxuosos, os donos de lojas começaram a aperfeiçoar o nascente arte da exibição de produtos, colocando itens de forma intoxicante, para "provocar um desejo irresistível de posse".

A encenação funcionou. Os clientes vieram, e compraram, massa. Recriando a imagem de um estilo de vida particular era de extrema importância para a nova burguesia, e a loja departamental forneceu a loja única para comprar o visual aristocrático completo – do casaco de froca, ao conjunto de mesa de jantar, chá e luminárias. Uma seção da exposição dedicada à democratização da moda rastreia o surgimento do visual pronto-para-usar, alimentado pela mecanização da indústria têxtil, quando conjuntos inteiros e acessórios correspondentes foram produzidos massa e vendidos como um pacote. Cartazes publicitários, exibidos ao lado, promoveram "A Parisiense" – a encarnação ultimate da mulher chique e independente, uma projeção objetificada de fantasias, que definiria tendências e consolidaria Paris como a capital líder do gosto.

A mostra revela como as técnicas de venda se tornaram cada vez mais sofisticadas, com a invenção de "exposições especiais de vendas" para estimular compras épocas de baixa demanda. O calendário anual começou a girar torno de períodos mensais de vendas, impulsionados por campanhas publicitárias na imprensa, com janeiro reservado para lençóis, abril para ternos, agosto para itens de volta para a escola e dezembro para brinquedos. Era uma maneira de escoar estoque, gerenciar o fluxo de mercadorias massa produzidas e induzir um sentimento de pânico clientes, encorajando-os a ficar no topo das últimas tendências. Também marcou o nascimento da moda rápida – demonstrada aqui com caixas de acessórios produzidos às pressas, como se tivessem sido arrancados de um Asos antigo.

Sem desculpa para não gastar ... um exemplo de catálogo de venda por correspondência antigo exibição.

© Les Arts Décoratifs

Se não puder comparecer à loja pessoa? Isso não é uma desculpa para não gastar! Veja o nascimento do catálogo de vendas por correspondência. Uma exibição no museu é dedicada a belos exemplos de catálogos de venda por correspondência do final do século XIX, com ilustrações elaboradas de tudo, desde guarda-chuvas e chicotes até raquetes de tênis e bicicletas, e inúmeros outros acessórios essenciais para o consumidor moderno. Uma folha dupla de trajes de banho com bonés correspondentes do Le Bon Marché é um prazer particular. E pode ser uma surpresa saber que "comércio por assinatura" – um antecessor antigo do "Subscreva e Economize" do Amazon, projetado para encorajar compras contínuas – já estava volta nos anos 1850.

A mistura extravagante de mercadorias e materialismo faz um show divertido e esclarecedor, mas o efeito geral pode deixá-lo um pouco náuseado. Aqui é onde começou a época do consumismo ilimitado, onde os métodos de marketing foram refinados, as técnicas de venda aperfeiçoadas e a adição global ao acúmulo de coisas começou. Uma seção intitulada "Crianças como o novo mercado-alvo", rastreando a história da publicidade direcionada a crianças, é particularmente inquietante. Uma exibição paralela sobre a emergência de aterros sanitários, as redes de cadeias de suprimentos exploratórias e a pegada de carbono das indústrias de moda rápida e móveis de rápido consumo forneceria uma contrapartida útil a tudo isso.

Se os dias da loja departamental estiverem contados, é realmente algo que vamos chorar? Ou pode nos incentivar a imaginar um novo tipo de arena pública urbana – espetacular, enriquecedora, que não necessariamente gira torno do consumo de produtos aspiracionais? Da

mesma forma que a onda de bibliotecas ampliadas construídas toda a Europa nos últimos anos, os séculos multistorey palácios de gastos podem ser transformados lugares para ler, relaxar, aprender, produzir, criar e trocar – uma nova era de salas de estar para a cidade moderna?

O Dr. Adnan Ahmad Albursh, 50 anos de idade e chefe da ortopedia do Hospital al-Shifa (o maior centro médico na Faixa) foi preso dezembro junto com outros médicos pelas forças israelenses quando invadiram um hospital – segundo a Comissão Palestina dos Assuntos Presos - que defende os direitos das pessoas detidas por Israel no país palestino

O exército de Israel não respondeu imediatamente a um pedido para comentar. The Times of Israel citou os militares como confirmando que o serviço prisional israelense havia declarado Dr Albursh morto 19 abril, sem dar uma causa da morte disse ele tinha sido preso por razões nacionais segurança "

Israel deteve milhares dos palestinos Gaza, incluindo mulheres e crianças. Ex-detentos disseram que sofreram espancamentos ou outros abusos físicos sob custódia israelense; o escritório das Nações Unidas para os direitos humanos disse ainda a respeito do tratamento dado por israelenses aos detidos como torturas - algo negado pelo governo israelita pelos grupos internacionais no tocante à questão da defesa humana (IHF).

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: 8bm.5

Palavras-chave: **8bm.5 - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-11-19